

ECOS LIBERTINOS NA LUSOFONIA: UMA LEITURA DA TRADIÇÃO PORNOGRÁFICA
EM LUIZ PACHECO E JOÃO UBALDO RIBEIRORosana Letícia PUGINA¹

RESUMO: Na busca pelo fio da tradição pornográfica na lusofonia no século XX, dois nomes surgiram: o do luso Luiz Pacheco e o do brasileiro João Ubaldo Ribeiro. Os romances *Textos malditos* (PACHECO, 1977) e *A casa dos budas ditosos* (UBALDO RIBEIRO, 1999) são os nossos objetos de análise. O objetivo é verificar a construção do discurso pornográfico libertino com vistas a atingir a crítica social nas obras dadas. Como apoio, serão utilizadas as reflexões de ALEXANDRIAN (1993), FINDLEN (1999), HUNT (1999), NOVAES (2006), MAINGUENEAU (2010), MORAES (2013) e KRAUSE (2007) acerca da pornografia na arte romanesca. A metodologia, quanto à abordagem, é exploratória, qualitativa e de cunho bibliográfico. Como resultado, espera-se observar de que forma a pornografia e a exposição de uma linguagem chula são meios de resistência à cultura que gerou os romances em questão.

PALAVRAS-CHAVE: *Textos malditos*. *A casa dos budas ditosos*. Discurso pornográfico. Lusofonia.

LIBERTINE ECHOS IN LUSOPHONY:
A READING OF PORNOGRAPHIC TRADITION IN LUIZ PACHECO AND JOÃO UBALDO RIBEIRO

ABSTRACT: In the search for the wire in pornographic tradition in Lusophony in the 20th century, two names appeared: the Lusitanian Luiz Pacheco and the Brazilian João Ubaldo Ribeiro. The novels *Textos malditos* (PACHECO, 1977) and *A casa dos budas ditosos* (UBALDO RIBEIRO, 1999) are the subjects of our analysis. The aim is to verify the construction of the pornographic libertine speech in order to achieve the social criticism in the works in question. As a support, we will use the reflections of Alexandrian (1993), Findlen (1999), Hunt (1999), Novaes (2006), Maingueneau (2010), Moraes (2013) and Krause (2007), related to the pornography in the romanesque art. The methodology, regarding the approach, is exploratory, qualitative and bibliographical. As a result, it is expected to observe in which way the pornography and the exposition of a coarse language are forms of resistance to the culture that produced the novels in question.

KEY WORDS: *Textos malditos*. *A casa dos budas ditosos*. Pornographic speech. Lusophony.

1 Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista (UNESP – FCLAr). Endereço eletrônico: <rosana.pugina@unesp.br>.

INTRODUÇÃO

Na busca pelo fio da tradição pornográfica na língua portuguesa no século XX, dois nomes foram encontrados: Luiz Pacheco (1925-2008), escritor luso; e João Ubaldo Ribeiro (1941-2014), escritor brasileiro, ambos contemporâneos entre si. Assim sendo, à luz dos escritos de Alexandrian (1993), Findlen (1999), Hunt (1999), Novaes (2006), Maingueneau (2010), Moraes (2013) e Krause (2007), o tema desta pesquisa é o estudo do discurso pornográfico nas obras *Textos malditos*, de Luiz Pacheco (1977), e *A casa dos budas ditosos*, de João Ubaldo Ribeiro (1999).

Sobre o *corpus*, temos descoberto que as influências marcantes na escrita erótica lusófona se encontram na literatura setecentista francesa. Em vista disso, a escolha do tema se deu pela vontade de estudar o eco deixado pelo cânone libertino francês na literatura de língua portuguesa no século XX, período histórico em que Pacheco (1977) e Ubaldo Ribeiro (1999) produziram as suas obras, as quais também terão o seu conteúdo reverberado ainda por gerações.

Nesse contexto, sabe-se que a obra de João Ubaldo Ribeiro (1999) tem um lugar já consagrado na literatura brasileira dada a maestria do escritor em explorar caminhos romanescos antes tratados com um certo distanciamento pelos demais romancistas, entre eles, o do erotismo. Ademais, na sua leitura, percebemos que nos será possível distinguir as características de uma materialidade discursiva pornográfica no gênero romanesco. Para ampliar os horizontes, optamos por conhecer a obra do escritor português Luiz Pacheco (1977), o qual também dialoga com a libertinagem, singularmente com a obra de Sade, uma vez que o autor explorou os temas referentes ao corpo e ao sexo, com ênfase neste último, por meio da utilização de linguagem pornográfica, o que fez com que fosse visto como um autor maldito e devasso nas letras de além-mar.

Sendo assim, objetiva-se compreender as características libertinas e pornográficas da escrita de ambos os autores nas obras citadas, com a finalidade de se compreender as balizas

da tradição literária pornográfica na língua portuguesa, função esta que se faz relevante devido à falta de referencial teórico sobre o assunto. Para isso, a metodologia aplicada, quanto à abordagem, é exploratória, qualitativa e de cunho bibliográfico.

Quanto ao erotismo, historicamente, o conceito nos remete à Antiguidade Clássica. A obra *O Banquete* (1995 [385-380 a.C.]), de Platão (428/427-348/347 a.C.), é o mais antigo texto sobre a escrita de Eros de que temos notícia no Ocidente. No Renascimento, a Itália passou a ser o centro no qual esse tipo de literatura se lapidou, como representante, tem-se Giovanni Boccaccio (1313-1375). Mais adiante, o conceito de pornografia como maneira de transgredir as convenções morais, abarcando o significado moderno desse tipo de representação, está presente nas obras de Pietro Aretino (1492-1556) e François Rabelais (1494-1553). Nesse cenário, a pornografia veio à tona lentamente como categoria distinta entre o Renascimento e a Revolução Francesa (1789-1799), exatamente devido à difusão da cultura impressa. Nos séculos XVII e XVIII, a pornografia na literatura sistematizou-se na escola libertina, especialmente a francesa. Em princípio, essa escrita apresentava um teor crítico frente à sociedade, uma vez que a pornografia e a sedução eram usadas para insultar a hipocrisia da coletiva quanto aos seus dogmas patriarcais e religiosos.

Paralelamente ao desenvolvimento do erotismo na literatura, a partir da ciência renovada da época, emergiu o movimento chamado “libertino”, o qual tinha a libertinagem como forma de explicitação dos embates da aristocracia contra a pregação moral e católica. Como princípios, tinham: o corrompimento dos costumes, o ateísmo e o ataque à religião, a liberdade sexual e o pensamento livre. Nesse contexto, o ideário do movimento era reconhecer, na Natureza, os mesmos “poderes” que os crentes atribuíam a Deus.

Consoante os apontamentos de Novaes (2006), com relação ao termo “libertino” (do latim *libertinus*, escravo posto em liberdade no Império Romano), ele serviu para nomear, do século XVI em diante, o indivíduo que combatia as regras sociais, recusando as normas através

da manifestação de independência de ideias e abertura de pensamento. Por isso, “libertino” dá nome às pessoas cujas condutas se afastam da norma oficial. E “libertinagem” relaciona-se à corrupção da moralidade, na prática, singularmente quanto à busca pelo prazer sexual sem limites. No senso comum, o vocábulo é sinônimo de devassidão e depravação. Os libertinos eram, portanto, pensadores livres das amarras sociais, conseqüentemente, abertos à experimentação sexual e literária. Assim, no final do século XVIII, com os libertinos como “fios condutores”, a tradição pornográfica estava solidificada e se associava fortemente ao romance como forma literária. No período, a literatura pornográfica francesa era cada vez mais política. Surge, desse movimento, a filosofia praticada na alcova, conforme a qual as pessoas envolvidas na cena erótica deveriam mostrar que domavam os seus instintos e as suas paixões ao mesmo tempo em que não reprimiam os seus desejos. Como expoente, temos a vasta obra do Marquês de Sade (1740-1814). Em resumo, a escola colocou a ilustração aristocrática a serviço do prazer.

Segundo Hunt (1999), no final da década de 1790, a escrita pornográfica passou a perder o seu tom político, uma vez que as obras começaram a ser escritas e vendidas com a única finalidade de excitar o leitor. Nesse sentido, a pornografia tornou-se exclusivamente utilitária. No século XIX, quando o termo foi criado, relacionava-se a “pornografia” à escrita sobre prostitutas, uma vez que “*pornê*, em grego antigo, designa prostituta” ou a escrita acerca do “comércio do amor sexual”. Essa ideia de comércio é encontrada já na palavra *pornos*, derivada do verbo *pernemi*, que significa “vender”, o que relaciona a pornografia ao lucro (MAINGUENEAU, 2010, p. 12, *grifos do autor*). Com o passar dos anos, a referência à prostituição sumiu, o que provocou uma mudança no entendimento do termo, o qual passou a abranger qualquer representação obscena. Entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX, a quantidade de publicações cresceu bastante devido ao surgimento da indústria de massa. Já entre o século XX e o início do XXI, o enfoque se mantém distante

da política ou da crítica à hipocrisia social, assim, a pornografia passou a responder ao interesse mercadológico da venda desse tipo de literatura como produto.

Devido à temática tratada, faz-se necessário discutir os conceitos de erotismo e de pornografia. As autoras e os autores aqui utilizados não diferem as duas questões porque entendem que são “duas faces de uma mesma moeda”, por isso, são dependentes entre si. Dessa perspectiva, não há uma obra puramente erótica, assim como não há uma obra puramente pornográfica. O que temos são sequências pornográficas difundidas na literatura. Segundo o arcabouço estudado: “[...] com razão, não há diferença [entre erotismo e pornografia]. A pornografia é a descrição pura e simples dos prazeres carnis: o erotismo é essa mesma descrição revalorizada em função de uma ideia do amor ou da vida social.” (ALEXANDRIAN, 1993, p. 8), ou ainda: “Toda cultura produz alguma forma de arte e literatura sexualmente explícita, mas nem todas distinguem o erótico do pornográfico, e a pornografia não é definida da mesma forma em todos os casos.” (FINDLEN, 1999, p. 54), ou em: “[...] tudo de que gosto é erótico e tudo o de que os outros gostam é pornográfico.” (WILDE, [s.d.] apud KRAUSE, 2007, p. 176), ou: “[...] o que se pensa é erótico, o que se faz é pornográfico, ou seja, o erotismo é a pornografia instalada na mente.” (KRAUSE, 2007, p. 176), ou ainda em: o “[...] senso comum separa pornografia de erotismo, que eu acho uma imensa bobagem. ‘Pornografia é em cima do genital; erotismo é uma coisa velada, romântica...’, é um critério moral. Se a gente tira esse critério, só nos resta dizer que os dois são sinônimos (MORAES, 2013, *‘grifo da autora’*), por fim: “O valor de um texto nunca se mede por sua moralidade, mas por sua qualidade estética.” (MORAES, 2020 apud GODOY, 2020).

Assim como os demais pesquisadores, Dominique Maingueneau, em *O discurso pornográfico* (2010, p. 32), não difere os conceitos. Faz apenas algumas ressalvas relevantes para o entendimento do estatuto discursivo da pornografia, objetivo do seu estudo. Para ele, “[...] o erotismo é um modo de representação da sexualidade compatível, dentro de certos

limites, com os valores reivindicados pela sociedade.”, isto é, a sexualidade, quando representada de forma erótica, é tolerada pela coletividade, pois se torna uma espécie de solução para uma liberação controlada das pulsões sexuais, as quais são violentamente oprimidas e proibidas de sua livre expressão pelos vínculos estabelecidos em sociedade. De forma oposta, a pornografia não mascara as suas tendências sexuais agressivas, nela, não há mediação para o exercício da sexualidade autônoma e independente de interdições coletivas. Daí deriva a ideia de que o erotismo é “elevado” e a pornografia é “vulgar”. Para que não haja esse tipo de valoração injusta, é preciso compreender cada uma das vertentes em sua concepção e não em contraste: “[...] em toda sociedade, vemos que coexistem práticas de tipo pornográfico e de tipo erótico e devemos evitar medir umas pela medida das outras.” (MAINGUENEAU, 2010, p. 32).

Dessa forma, comprova-se que, para a arte literária, não é preciso explorar exclusivamente um ou outro tema. Com base no conceito que configura a liberdade essencial do processo de produção criativa, o texto literário mistura, desconsidera fronteiras e enfrenta limites com relação à escrita do corpo. Portanto, o mais sensato é derrubar as fronteiras artificiais entre os conceitos, empregando os termos: “pornotismo” ou “erografia” (KRAUSE, 2007). Assim, para nós, não existe barreira entre os dois vocábulos, por isso, são usados indistintamente neste trabalho.

Como resultado da pesquisa, espera-se descobrir como se configuram a linguagem pornográfica e a cultura da libertinagem nas obras em questão, exemplares da literatura contemporânea de língua portuguesa.

ECOS LIBERTINOS: A REFRAÇÃO DO CÂNONE DA DEVASSIDÃO NA LITERATURA LUSÓFONA

Resumidamente, *Textos malditos* (1977) explicita uma linguagem chula e pornográfica, o que se entrevê no título, por isso, é entendido como um romance

questionador e transgressor, tendo em vista que Portugal passava pela Ditadura Salazarista (1926-1968) na época da publicação. Assim, é uma forma de resistência política, uma vez que a narrativa demonstra desobediência para denunciar, expor e questionar a sociedade de seu momento histórico.

Já *A casa dos budas ditosos* (UBALDO RIBEIRO, 1999) pertence à coleção “Plenos pecados”, da Editora Objetiva, na qual figura como o volume dedicado à luxúria, um dos sete pecados capitais conforme o catolicismo. O romance tem como núcleo o relato das aventuras sexuais de uma mulher idosa que sempre vivenciou as infinitas possibilidades do sexo, atitude esta que confronta violentamente o modelo feminino ideal da década de 50 do século XX. No título dado à autobiografia fictícia, ao colocar no título as palavras “budas” e “casa”, a narradora introduz, de forma irônica, uma discussão sobre as ideias de sexo e família em confronto. Já “ditosos” faz uma referência a algo satisfatório, que condiz com os assuntos sexuais abordados no romance.

Acerca do foco narrativo, no geral, Luiz Pacheco escrevia em primeira pessoa (NARCISO, 2012), em tom confessional e autobiográfico porque tinha como intuito quebrar os limites entre a literatura e a vida, o que também ocorre em *Textos malditos* (1977). Sobre isso, conforme Narciso (2012), é preciso ver os textos pachequianos como a trajetória de um artista que se fez como personagem, o que transformou a sua vida num exemplo de literatura e de arte. Deriva daí a relevância que deve ser dada à obra do escritor, na qual o papel tradicional do homem está subvertido, mesmo a narrativa tendo como fundo a sociedade patriarcal da época. A personagem é humilhada recorrentemente pela construção coletiva que se tem acerca da masculinidade e do exercício da sexualidade, ambas de base heteronormativa e cristã. Assim, ele não é um bom exemplar de “macho falocêntrico”, o que configura uma inversão: ele não agride, é agredido; e não conquista, é conquistado.

No romance ubaldiano, também escrito em primeira pessoa, o fio narrativo mescla as memórias e a proximidade da morte à revolta da personagem protagonista contra os protocolos hipócritas que colocam a sexualidade na condição de marginalidade. A partir desse ponto, as características carnavalizadas da personagem principal seguem sendo cada vez mais acentuadas por meio da apresentação de suas atitudes de mulher debochada e libertina. Notam-se, no romance, o riso carnavalesco, o gosto pelo baixo corporal, o enraizamento na cultura popular e a mistura de diferentes níveis de estilos linguísticos. Em conjunto, esses elementos autorizam o avizinhamo da obra ubaldiana ao universo da ficção rabelaisiana, profundamente estudada por Bakhtin (1987).

Como é visto nos dois romances, em decorrência da opção pelo relato e pela escrita em primeira pessoa, há uma aproximação exorbitante entre quem narra e o que narra, por meio da ótica de um sujeito focalizador – Luiz, em Pacheco (1977), e CLB, em Ubaldo Ribeiro (1999) – e da utilização da transparência referencial na linguagem, recursos estes que potencializam a verossimilhança discursiva, sobretudo quanto à pornografia. A respeito do discurso pornográfico, é um fenômeno do exagero de luz, ou da “luz absoluta”, porque ela se define pelo excesso de visão e de exposição das reentrâncias do corpo. Por isso, faz-se no pôr em cena do obscuro ou daquilo que está fora de cena. Assim, é a expressão máxima da pulsão visual, o que acentua a representação “denotativa” da cena em oposição ao que é metafísico ou abstrato por não permitir ambiguidades em seus signos. Ademais, ao optar por narrar as reminiscências em forma de relato e em uma vertente da língua bastante coloquial e cheia de marcas de oralidade, o jorro linguístico das personagens se confunde com o jorro fálico, fazendo com que o êxtase erótico se prolongue no registro das memórias de Luiz e CLB.

Na obra lusa, nas palavras de Santos (2009), é na imagem de “escritor maldito” de Luiz Pacheco, vista como um eufemismo para a marginalidade da sua obra, que se centra a análise dos críticos. Inúmeras vezes, o autor explicou as diferenças entre “maldição”, como

opção de vida, o que favorece a confusão entre vida e obra; e “maldição” como recurso literário, o qual ele usava conscientemente como meio de questionamento da moralidade. Surgiu daí a escolha da obra *Textos malditos* (1977) como *corpus*. Por um lado, é considerada libertina pela explicitação da linguagem obscena e pornográfica, como é nítido em: “[...] outro [bilhete], assim: *Lambia-te toda, desde as maminhas até ao pipi. Verás que gozo, é melhor que bom*, em linguagem infantilizada, a ver se pega.” (PACHECO, 1977, p. 28, *grifo do autor*), ou ainda em: “Pretendo com isto um bacanal a cinco, que eles pagariam para me ver e *foder e foder* as miúdas. Ficaram chocados com a minha declaração de que o *foder* já não se usa, cansa muito e eu tenho *tesão, mas não fodo*.” (PACHECO, 1977, p. 36, *grifos nossos*). Quanto a esse tipo de escrita, é importante sublinhar que a aproximação entre a escolha vocabular e a parte do corpo, orifício ou prática sexual é total porque a palavra é a própria “coisa” na cena erótica, tamanho o efeito de real que a linguagem chula é capaz de provocar.

Por outro lado, é libertina por ser um texto questionador e transgressor, tendo em vista que Portugal passava por um regime fascista no período: “Escândalo. *Tribunal Militar*. Vergonha. Filhos a saberem tudo. Loucura. Suicídio. Tomo meio Calmax. A pouco e pouco a corda vai-se aligeirando, estou melhor. Mas que vontade de ter pecado. De pecar. Como assim: de viver.” (PACHECO, 1977, p. 47, *grifo nosso*). A libertinagem foi arquitetada, por Pacheco (1977), como forma de resistência política, uma vez que a narrativa demonstra uma desobediência inflamada quanto aos padrões coletivos: “O libertino não é apenas o homem da vida amorosa, intensa ou desordenada, mas algo mais. É o *ateu irreduzível; é o que faz da sua vida amorosa um espetáculo* – por atitudes, palavras ou escritos; é o que gosta dela, em suma; por isso o proclama.” (PACHECO, 1977, p. 121, *grifos nossos*).

Sobre o romance brasileiro, é bom lembrar que, mesmo o erotismo tendo permeado toda a obra de Ubaldo Ribeiro, marca esta herdada da “escola baiana” de Jorge Amado (1912-2001), criador de *Gabriela, cravo e canela* (1958), *Dona Flor e seus dois maridos* (1966) e *Tieta*

do agreste (1977), narrativas em que figuram descrições maliciosas e picantes feitas com as cores e os cheiros da Bahia, o ápice da sua *erotica verba* é apresentado em *A casa dos budas ditosos* (1999). No romance, a escrita ubaldiana traz superexposição do corpo e do ato sexual com vistas a denunciar as relações de poder que são estabelecidas por meio do sexo e criticar essas mesmas relações, além disso, o dialogismo com o arcabouço libertino é aclarado em Ubaldo Ribeiro (1999) no excerto: “O título que eu ia botar era ‘Memórias de uma libertina’, mas não vou mais botar, é bom gosto demais para esse povo que nunca leu Choderlos de Laclos, não vou desperdiçar, jogar pérolas aos porcos.” (RIBEIRO, 1999, p. 18-19, *grifo do autor*). Como é sabido, Choderlos de Laclos foi o escritor de *As ligações perigosas* (1780), romance epistolar libertino, publicado originalmente em 1782, às vésperas da Revolução Francesa (1789-1799). É considerado ícone da escola libertina francesa por se desenvolver a partir dos temas da devassidão e da perfídia da sociedade do momento e da atmosfera de simulação reinante na corte, materializados nas atitudes das suas duas mais importantes personagens, o visconde de Valmont e a marquesa de Merteuil. Quanto a tais aproximações, verifica-se que o fio que abarca a literatura licenciosa francesa e os romances lusófonos aqui selecionados justifica a análise proposta. Embora haja um grande distanciamento temporal, considera-se que as relações entre os textos e os discursos possuem papel fundamental no renascimento de enunciados em distintos momentos históricos.

Em referência à linguagem, a superexposição do corpo por meio de uma linguagem obscena aponta para a utilização da estética do corpo grotesco, pilar da pornografia, em Pacheco (1977), como no exemplo: “A de cá, da direita, é um belo *pedaço de mulher, coxas reais, pernas, cabelos e cara*, bicho para dar trabalho de *cu-abaixo-cu-acima a um batalhão*. Vão para um baile ou encontro furtivo. Que as *fodam!*” (PACHECO, 1977, p. 29, *grifos nossos*), ou ainda em: “[...] na pureza fresca e larga desta manhã dos arredores de Braga no outono, com a vizinhança permanente da Deolinda e *seu cheiro de terra lavrada por semear...*”

(PACHECO, 1977, p. 22, *grifo nosso*). Nos trechos, há ênfase no baixo corporal das mulheres descritas pelo narrador e, no segundo exemplo, há ainda uma aproximação do corpo à terra pela sua capacidade de fecundação, em uma analogia entre o cheiro da terra e o cheiro do sexo da personagem.

O destaque das partes baixas do corpo – aparelhos digestório, excretor e reprodutor – é facilmente perceptível em Ubaldo Ribeiro (1999) também, como nos exemplos: “[Marina] Respirava fundo, se aconchegava entre minhas *coxas*, me segurava delicadamente na *bunda*, respirava fundo outra vez, me cobria de beijos nas *virilhas*, fechava os olhos e me levava ao céu, ao céu! (UBALDO RIBEIRO, 1999, p. 137, *grifos nossos*), como também em: “Daí para gozar analmente – não sei nem se é gozo propriamente anal, só sei que é um gozo intensíssimo – foi só mais um pouco de vivência, *with a little help from my friends*, ha-ha.” (UBALDO RIBEIRO, 1999, p. 57, *grifo do autor*). No cânone libertino, como exemplo do grotesco dado pela escatologia, temos o romance sadiano *Os 120 dias de Sodoma* (2011), narrativa em que quatro aristocratas seguem para uma jornada em que são apresentados 600 tipos de práticas de sexo, sendo que, durante as orgias e os assassinatos, excrementos são comidos e sangue e esperma são bebidos.

Em relação ao papel na cena erótica na libertinagem, as personagens são reduzidas a sua funcionalidade sexual. Desse modo, não existe menção a estados de espírito ou a reflexões aprofundadas, mas uma ação repetida de corpos desejantes em busca de uma relação privilegiada de escuta do leitor, num jogo de intimidade extrema, a partir do qual o ato sexual pode ser narrado sem cortes. Na obra pachequiana, para ilustrar, “Mas é a *Lolita* tal-e-qual do Nabokov” (PACHECO, 1977, p. 20, *grifo nosso*), ou em: “Mas passam por mim duas *miúdas: uma, grande cu descaído*, badalhoça de cara, trouxa de carne a dar às pernas” (PACHECO, 1977, p. 24, *grifo nosso*), ainda em: “Aqui que vai do meu lado, à esquerda da azinhaga, é uma *loira espigadota, bonitota, provocante*; é a que mais vezes se volta e encaro-a

com o meu olhar mágico de duzentas megatoneladas e um riso de dizer.” (PACHECO, 1977, p. 32, grifo nosso), bem como em: “[...] duas estúpidas de duas garotitas [...]” (PACHECO, 1977, p. 27, grifo nosso). Acerca de *Lolita* (2003), de Vladimir Nabokov, a relação com a libertinagem está no mote da iniciação sexual de pubescentes por homens e mulheres mais experientes, os mestres libertinos. Em Pacheco (1977), o tema é recorrente, como mostram os exemplos acima, pois há inúmeras passagens em que o autor faz menção às “miúdas”, nome popular para meninas em Portugal, muitas vezes, vestidas como “colegiais”, o que demonstra a sua pouca idade e a sua parca vivência sexual.

Na obra ubaldiana, o gosto pelas características sexuais dos parceiros de CLB é estampado em toda a narrativa: [Rodolfo] tinha as mãos mais sexy que alguém pode ter, tinha uma *bunda* esplendorosa, não há palavra para descrever aquela mistura realmente inefável de *masculinidade e feminilidade*” (UBALDO RIBEIRO, 1999, p. 93, grifos nossos), ou em: “Fernando ficou doido pelo *pau* do rapaz, que de fato excepcional, *mais comprido do que grosso e muito teso, lustroso e parecendo envernizado.*” (UBALDO RIBEIRO, 1999, p. 140, grifos nossos). No romance brasileiro, também há o mote da iniciação sexual, no caso, da própria narradora. Há também a descoberta das práticas libertinas por homens jovens, feita pelas mãos sensuais de CLB: “[...] *só depois é que comecei a gostar de homens mais novos, depois que descobri que os mais velhos são putas velhas iguais a mim, não valem nada. [...] Hoje, sinto prazer em seduzir e treinar um jovem bonito* (UBALDO RIBEIRO, 1999, p. 146, grifos nossos). Em vista dos excertos, constata-se que as únicas características que interessam são aquelas que têm peso na cena sexual. Por meio desse subterfúgio, as personagens perdem a individualidade e a complexidade humanas, o que facilita a diminuição das suas propriedades exclusivamente à sua posição na cena sexual.

Durante a revisão bibliográfica sobre o autor português, apesar da escassez, descobriu-se que ele teve muitas de suas obras censuradas e retiradas de circulação em

Portugal, por ordem do governo, na segunda metade do século XX. Para ilustrar, o romance *A filosofia na alcova* (SADE, 1988), na época da sua primeira tradução para a língua portuguesa feita por Luiz Pacheco, foi proibida e confiscada pela polícia da Ditadura Salazarista. Na edição, havia um prefácio escrito por Pacheco, o qual está publicado no livro *Textos malditos* (1977), *corpus* dessa pesquisa, que reúne todos os textos proibidos, censurados e recolhidos pelo regime fascista português. No texto de apresentação do romance, Pacheco (1977, p. 113-114) diz: “[...] o Leitor inteligente já prevê o gênero de prefácio que lhe vou atirar: uma prosa humorística, um sadismo caseiro, inofensivo, literário, bonachão, que gostosamente daqui ofereço ao Meritíssimo Dr. Arelo Mando.”. Como resultado, foi considerado “maldito”, devasso e pornográfico, especialmente por ter citado um juiz no texto, por isso, sofreu repulsa e uma autêntica desconsideração, não somente como artista, mas também como cidadão. Para Guedes (2007), a falta de estudos acadêmicos sobre o autor português é “justificada” por situações de insubmissão do autor, entretanto, a pesquisadora diz que essa exclusão apenas atrapalha o verdadeiro reconhecimento da obra pachequiana, uma vez que o acervo do autor é infinitamente rico e diversificado, o que foi constatado a partir da relação que se faz entre ele e o cânone pornográfico com o qual dialoga.

Acerca do romance baiano, no quesito marginalidade, conforme Gomes (2000), *A casa dos budas ditosos* (UBALDO RIBEIRO, 1999) teve a sua venda recusada por duas grandes cadeias portuguesas de supermercados, em 2000, sob a justificativa de que era um texto impróprio para o público das lojas. Desse modo, verifica-se que Ubaldo Ribeiro (1999) se mostrou resistente ao discurso monológico da coletividade no que condiz às práticas eróticas e à exposição do corpo, conclamando o sexo como parte natural do existir humano, no enfrentamento da exclusão à qual a escrita pornográfica está secularmente condenada. Em vista disso, os laços dialógicos que unem os dois romances são também legitimadores de acontecimentos extratextuais, uma vez que a ficção extrapolou as páginas dos livros e veio a

ser mal interpretada na realidade empírica. Certamente, tais fatos ocorreram, em um primeiro plano, pela linguagem pornográfica e obscena e, em um segundo plano, pelo caráter questionador e subversivo da norma das narrativas.

Sobre a libertinagem, em uma leitura inicial, ambos os textos trazem uma interdiscursividade ligada à estética literária setecentista francesa, pois apresentam uma tendência erótica e libertina da literatura por meio do diálogo com uma rede de referências artísticas, literárias, filosóficas, etc. – Sade, sobretudo –, cujas bases são a obscenidade e a superexposição do ato sexual. Tal influência é nítida, principalmente, na constituição das personagens centrais, ambas debruçadas em narrativas autobiográficas, cuja temática são as suas aventuras sexuais. Em Pacheco (1977, p. 47, *grifos nossos*), lê-se: “[...] como a Natureza previu todas as nossas fraquezas, dotou-nos também com *outro caralho para o cu* detrás. Meto o dedo (médio?) todo no *cu*, *bato a punheta*. E a ejaculação, forte porque há dias que estou sem deitar nada cá para fora, dá-me contrações no esfíncter. Gozosíssimas.”. Em Ubaldo Ribeiro (1999, p. 93-94, *grifos nossos*), vê-se o mesmo ímpeto sexual traduzido pelo “[...] léxico da devassidão [...]”: “[Rodolfo] *esporrava* mais longe e fartamente do que jamais algum homem esporrou, tinha um *pau lindíssimo*, [...] tinha um *saco* que dava imediata vontade de beijar e lambe e que me fazia gozar quando esfregava a cara nele.”. Como é notável, há uma retomada dos escritos pornográficos franceses dos séculos XVII e XVIII e, a partir dessa fonte, autores contemporâneos refrataram e reacentuaram os seus traços estilísticos e temáticos.

Nas obras, de forma geral, os temas mais recorrentes são a experimentação sexual; as relações de poder estabelecidas por meio do ato sexual; a natureza como forma de justificativa para quaisquer atos – de virtude e de vício; os conflitos advindos das relações entre pais, filhos e sociedade, singularmente quanto à educação religiosa cristã; a hipocrisia social; o estabelecimento dos papéis de gênero – homem e mulher – na coletividade e na alcova; o

questionamento da hetenormatividade; o exercício sexual como um meio de esclarecimento; e o fingimento como caminho de adaptação do sujeito à dissimulação da sociedade.

Pacheco se intitulava libertino devido a sua transgressão, especialmente no campo religioso, e também pela sua devassidão sexual: exerceu publicamente a bissexualidade em plena ditadura militar. Sobre a religião, talvez o tema mais atacado por Pacheco, Guedes (2007) diz que o autor, ao se colocar como libertino, expôs o puritanismo cristão ao ridículo, especialmente porque a Igreja compreende o físico como algo pecaminoso e sujo, o que legitimou secularmente todos os discursos repressivos sobre o corpo e o prazer sexual, com ênfase na exclusão de práticas homossexuais ou bissexuais. No trecho: “Um bom Libertino não precisa de dinheiro. Decido ficar e fazer uma tarde de luxúria mental em Braga, para esconjurar o cheiro a incenso e *mofo de padre* que empestam estas ruas.” (PACHECO, 1977, p. 23, *grifo nosso*), entrevê-se o deboche pachequiano quanto à autoridade clerical.

No romance brasileiro, as figuras eclesiásticas são igualmente expostas e questionadas a respeito da hipocrisia das práticas religiosas, sobretudo quanto ao celibato: “Prefiro eu mesma ler a Bíblia e pensar do que leio o que me parece certo pensar, quero eu mesma me inteirar das boas novas, *sem nenhum padre de voz de tenorino gripado me ensinando incoerências subestimando minha inteligência.*” (UBALDO RIBEIRO, 1999, p. 14-15, *grifo nosso*), ou em: “E arrumou dois *padres* para a turma, um *veado* e outro homem de todas as armas, grande Father Pat Mulligan, que topava qualquer coisa e *trocava* com Fernando numa boa [...]. Também era muito bonito eles se *chupando* de olhos fechados.” (UBALDO RIBEIRO, 1999, p. 107, *grifos nossos*). O tema do clero dissoluta está muito bem retratado no romance libertino *Teresa filósofa* (2015), de Jean Baptiste de Boyer, em que uma moça virgem recebe o “catecismo da devassidão” de um padre, o qual a ensina diversas práticas eróticas sem que haja penetração, dessa forma, Teresa mantém-se virgem nos moldes morais da época.

Para o escritor luso, a libertinagem era uma metáfora para a liberdade, ou seja, um caminho de resistência contra a imposição da obediência à moral e a submissão política ao Salazarismo, fato este que está estampado nas atitudes do Luiz, o narrador: “Um regalo para encontros furtivos. Aqui a luxúria envolveu-se *no campo perigoso da política*, ah! ah! Bebo mais um copo, que dá uma grande volta às tripas” (PACHECO, 1977, p. 35, grifo nosso). Desse modo, desobedecer e transgredir tinham como função desmascarar a ditadura e questionar a religião. Para isso, a personagem reclamava a prática sexual livre e sem reprodução, apenas como exercício individual da sexualidade, o que é inerente ao ser humano.

Quanto a isso, a narradora ubaldiana tem a sua força responsiva advinda do caráter iluminista da sua negação aos modelos sociais, tais como a recusa à preservação da virgindade, ao casamento e à maternidade: “[...] eu já estava até pronta, veja que coisa ridícula, *outrageous but true*, já estava pronta para fazer uma recuperação de minha condição virginal, restaurar o hímen. Muita gente restaurou, sei de vários casos.” (UBALDO RIBEIRO, 1999, p. 33, *grifo do autor*). Essa cirurgia serviria para que ela pudesse ficar “virgem de novo” e conseguir se casar, conforme a coletividade exigia no momento. Ou em: “Apesar de já haver métodos anticoncepcionais, o mais seguro era mesmo uma enrabação.” (UBALDO RIBEIRO, 1999, p. 37), em alusão ao sexo anal, normalmente visto como interdito, e à busca por formas de não engravidar, chegando a dizer muitas vezes que, caso isso ocorresse, o aborto seria a solução. Ou ainda em: “Eu, que nunca tinha evitado filhos com a seriedade apropriada, mas *tinha medo de pegar um sem querer e, pior ainda, sem ter saco para crianças*, ainda mais podendo não ter certeza sobre quem era o pai.” (UBALDO RIBEIRO, 1999, p. 46, *grifos nossos*). Tal como faz a personagem pachequiana, CLB propõe o sexo livre, independentemente de elos sociais ou religiosos, sem casamento e filhos, o prazer pelo prazer.

No tocante à hipocrisia social, alvo das estéticas libertina e sadiana, a personagem pachequiana (1977) enfrenta os intrincados fios que formam a sociedade, pautados,

geralmente, em valores preconceituosos e castradores da sexualidade, o que leva o narrador a jogadas arriscadas de sobrevivência, sobretudo quanto ao regime político da época. Luiz, agora personagem, combate a hipocrisia portuguesa, ainda bastante católica e puritana, para conseguir viver conforme as suas próprias leis. Quanto à narradora ubaldiana (1999), ela mostra que o gênero feminino mantém a sua sexualidade cambaleando na corda-bamba entre os lados do binarismo – santa *versus* puta – que ainda teima em existir em nosso meio. Tal definição maniqueísta realiza-se como uma forma potente de controle das vontades femininas, desde Eva, passando pela “Caça às bruxas” e pela Revolução Sexual dos anos 70, para desembocar numa aparente “democracia de gênero” com a qual convivemos na atualidade. Assim, no romance, a superexposição do corpo e das descrições sexuais são formas de inquirição da hipocrisia coletiva. Em vista disso, a constituição libertina da narradora lança luz aos modelos sociais, aos quais muitas mulheres são forçadas a obedecer em troca de aceitação.

Acerca de outros diálogos, além de fazer referências explícitas à obra do Marquês de Sade, Luiz Pacheco traduziu o livro *Diálogo entre um padre e um moribundo* para a língua portuguesa e o publicou pela sua editora, a Contraponto, em 1959: “[...] Um apenas agora me ocorre: ter sido, ao que suponho, o primeiro editor português dum texto de Sade, e nessa suposição vai muita honra para mim, embora o texto fosse pequenino, numa tradução cuidada, a edição bonita.” (PACHECO, 1977, p. 113-114). A justificativa era a de que o teor dos livros era ofensivo à sociedade exatamente porque versava sobre sexo, vício, obscenidade, desejo, masturbação, bi e homossexualidade e questionamentos à religião e ao regime político da época, como pode ser visto no excerto: “Descemos um carreiro em bico à direita da estrada. Escuridão. É o lugar ideal para *mijar, cagar ou brochar* discretamente. Calculo que ele está a provocar-me com o *caralho* fora das calças, quer festa, mas eu não estou muito senhor de mim.” (PACHECO, 1977, p. 44, *grifos nossos*).

Na obra ubaldiana, há também um interdiscurso com as obras de Marquês de Sade, especialmente com *A filosofia na alcova* (1988). Com o romance libertino, a dialogia materializa-se na criação da personagem central de Ubaldo Ribeiro, CLB, cujos traços constitutivos aproximam-se bastante dos traços da personagem Mme. de Saint-Ange em laços que expandem e recriam o texto-base. Esses elos estão concretizados, majoritariamente, nas falas das duas personagens, com destaque para as temáticas abordadas por elas, tais como: aborto, liberdade e experimentação sexual, hipocrisia social, incesto, etc., como pode ser verificado nos exemplos, em Sade (1988, p. 51): “Mme. de Saint-Ange – Você só está neste mundo para gozar, o único limite ao prazer deve ser o limite da sua força, da sua vontade”; e em Ubaldo Ribeiro (1999, p. 139-140): “[...] sabe o que é a vida? É foder. A vida é foder. Note bem: [...] A vida é foder, em última análise.”. Quanto à forma, no romance libertino e nos romances lusófonos, logo após as descrições das cenas eróticas, são apresentadas ponderações acerca de assuntos abordados no sexo, constatação esta que explicita a dimensão filosófica inerente às práticas licenciosas da alcova libertina que ecoa na literatura lusófona contemporânea.

A partir da ancoragem de todas as leituras realizadas, é perceptível que Luiz Pacheco e João Ubaldo Ribeiro apresentam, em suas trajetórias como escritores, de forma bastante geral, paródia, pornografia, humor e dessacralização de determinadas tradições, o que é causado por uma tendência singular de subverter o discurso pela ironia e ver, com olhar crítico, os usos e os costumes da cultura na qual estão inseridos. Em síntese, os dois tendem ao riso questionador, o qual pinta um mundo às avessas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre as marcas do cânone libertino nas obras estudadas, de forma geral, observou-se a repetição de alguns pilares na tríade: composição, tema e estilo. Os romances *Textos malditos*

(PACHECO, 1977) e *A casa dos budas ditosos* (UBALDO RIBEIRO, 1999), resumidamente, 1) apresentam transparência referencial e afetos eufóricos de um sujeito focalizador, pois as narrativas são feitas em primeira pessoa – em forma de relato –, característica esta que destaca a crueza da linguagem na criação do enquadramento por baixo das partes corporais essenciais ao sexo; 2) aproximam, ao máximo, quem narra e o que narra, marca esta que infla o efeito de verossimilhança discursiva; 3) tiveram a sua circulação censurada em alguns meios; 4) não têm, apesar da linguagem usada, uma intenção puramente pornográfica porque mesclam conteúdo político e filosófico; 5) têm iniciação sexual, aborto, incesto, liberação sexual, práticas hétero, homo, bi e pansexuais, clero dissoluto, hipocrisia social, etc. como temáticas; 6) realizam-se na utilização de um vocabulário obsceno e grotesco; 7) caracterizam as personagens apenas quanto a sua funcionalidade erótica; 8) e propagam a ideia de um “mundo de cabeça para baixo”, composto de elementos que desconstroem as hierarquias sociais, fato este que demonstra a prerrogativa de que o sexo pode ser um meio de questionamento da norma coletivamente imposta.

Quanto à libertinagem, na leitura das obras, observou-se que Luiz Pacheco (1977) e João Ubaldo Ribeiro (1999) miram as relações sociais em sua falsidade, uma vez que denunciam a hipocrisia com os seus textos e personagens, mediante uma crítica intensa que fazem acerca do temperamento da sociedade de seu tempo em Portugal e no Brasil. Portanto, as obras estão marcadas por um caráter de manifesto, ironia e deboche, típicas influências libertinas, como se quisessem esbrachar situações resultantes dos jogos de poder que fomentam a vida na coletividade, marcadamente quanto ao sexo e às relações que emanam dele, em uma nítida necessidade de usar as práticas carnais como meio de questionamento das normas. Obviamente, tal caráter controverso alimenta a marginalidade à qual os dois romances foram condenados.

Em vista de tudo o que foi discutido, os estudos mostram que a apreciação do *corpus* leva o leitor a refletir sobre a linguagem literária da pornografia como arte, o que afasta o preconceito que incide sobre tais obras e atrapalha, como consequência, o debate na sociedade. Após a leitura, percebe-se que os autores fogem das metáforas alusivas ao sexo para nomear cada parte do corpo, sem pudores, em “um mapa do prazer”. Ao fundo, está a intenção de crítica social: o escritor luso enfoca a bi e a homossexualidade; e o brasileiro, a condição de opressão feminina, sendo que ambos retratam sociedades de cultura patriarcal e cristã, o que retoma os primeiros escritos pornográficos de raiz libertina, conforme os quais o corpo e o sexo são caminhos certos para levar adiante a sua voz de questionamento.

No que condiz à construção das personagens centrais, Luiz, em Pacheco (1977), e CLB, em Ubaldo Ribeiro (1999), ambas são inquietas, questionadoras, subversivas, rebeldes e profundamente conhecedoras das sociedades em que estão inseridas, de onde deriva a sua capacidade de driblar a hipocrisia rumo à satisfação de seus desejos. Assim, as duas absorvem e refratam a axiologia da estética sadiana, mais precisamente a da obra *A filosofia na alcova* (1988), mediante uma contextualização no século XX, salto histórico este compreendido e autorizado pelo grande tempo das culturas e pela potencialidade artística dos romances.

Nos ecos verificados, observa-se que o cânone da devassidão é conhecido profundamente na literatura da França, o que não ocorre na literatura lusófona, a partir de uma raiz libertina francesa dos séculos XVII e XVIII, na literatura de língua portuguesa do século XX. No *corpus*, constata-se que os romances lusófonos refletem e refratam os valores históricos constitutivos do cânone setecentista. Em virtude disso, demonstra-se um reaproveitamento de vozes já conhecidas com o intuito de lhes dar uma nova axiologia, agora incorporada à contemporaneidade. Assim, a pornografia de viés libertino junta dois polos da literatura lusófona: Portugal e Brasil.



REFERÊNCIAS

ALEXANDRIAN, Sarane. *História da literatura erótica*. 2. ed. Trad. de Ana Maria Scherere e José Laurênio de Mello. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. São Paulo: Martins Fontes, 1958.

AMADO, Jorge. *Dona Flor e seus dois maridos*. São Paulo: Martins Fontes, 1966.

AMADO, Jorge. *Tieta do agreste*. Rio de Janeiro: Record, 1977.

BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Iara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1987.

BOYER, Jean Baptiste de [Marquês D'Argens]. *Teresa filósofa*. Trad. de Carlota Gomes. Porto Alegre: LP&M, 2015.

FINDLEN, Paula. Humanismo, política e pornografia no Renascimento italiano. In: HUNT, Lynn (Org.). *A invenção da pornografia: obscenidades e as origens da modernidade – 1500-1800*. Trad. de Carlos Szlak. São Paulo: Hedra, 1999.

GODOY, Omar. A lei do desejo. *Cândido* – Jornal da Biblioteca Pública do Paraná, 14 jan. 2020. Disponível em: <http://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Especial-Literatura-Erotica>. Acesso em: 20 fev. 2020.

GOMES, Kathelen “Estou meio zonzo”. *Público*, Cultura Y, 20 jan. 2000. Disponível em: <https://www.publico.pt/culturaipsilon/jornal/estou-meio-zonzo-138872>. Acesso em: 5 abr. 2017.

GUEDES, Maria Estela. Luiz Pacheco, o libertino. In: MARTINS, Floriano (Org.). *O espelho libertino*. São Paulo: Escrituras, 2007.

HUNT, Lynn. Introdução. In: HUNT, Lynn (Org.). *A invenção da pornografia: obscenidades e as origens da modernidade – 1500-1800*. Trad. de Carlos Szlak. São Paulo: Hedra, 1999.

KRAUSE, Rubén Solís. *Erotismo – a cultura libertina*. Trad. de José Carlos Teixeira. Lisboa: Editorial Estampa, 2007.



LACLOS, Pierre Ambroise François Choderlos de. [1782]. *As ligações perigosas*. Trad. de Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

MORAES, Eliane Robert. Erotismo é criação. *Revista Geni*, Entrevista, n. 2, jul. 2013a. Disponível em: <http://revistageni.org/08/erotismo-e-criacao/>. Acesso em: 2 dez 2013.

NABOKOV, Vladimir. *Lolita*. Trad. de Jorio Dauster. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

NARCISO, Sofia. *O caso autoral de Luiz Pacheco*: alguns equívocos sobre a interpretação biografista de sua obra. Lisboa: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, 2012.

NOVAES, Adauto. (Org.). *Libertinos libertários*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006a.

PACHECO, Luiz. *Textos malditos*. Lisboa: Edições Afrodite, 1977.

PLATÃO. [385-380 a.C.]. *O banquete ou Do amor*. Tradução de J. Cavalcante de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.

UBALDO RIBEIRO, João. *A casa dos budas ditosos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999. (Coleção Plenos pecados).

SADE, Marquês de. *A filosofia na alcova*. [1795]. Trad. de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Círculo do livro, 1988.

SADE, Marquês de *Os 120 dias de Sodoma ou A escola da libertinagem* [1795]. Tradução de Alain François. São Paulo: Iluminuras, 2011.

SANTOS, Ana Sofia Narciso dos. *Luiz Pacheco*: um projecto moderno crítico-ficcional. 2009. 132 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Românicos). Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009.

Envio: Setembro de 2020
Aceite: Janeiro de 2021